

IMIGRANTES HOLANDESES NO RIO GRANDE DO SUL: NARRATIVAS E MEMÓRIAS

■ ANDREI NASSER WICHRESTINK

 <https://orcid.org/0000-0001-7120-3559>

Universidade Feevale

■ CLÁUDIA SHEMES

 <https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>

Universidade Feevale

RESUMO

Os processos de imigração europeia para o Brasil compreendem um vasto período histórico, desde meados do século XIX com a chegada dos primeiros imigrantes para substituir a mão de obra escrava nas áreas rurais, até o início do século XXI. Neste contexto, o objetivo deste artigo se concentra em analisar a história batava, contada a partir das narrativas de descendentes de duas famílias holandesas, Pit e van den Broek, vindas para o Brasil em 1908 e 1909. Sabe-se que os holandeses imigraram para o Brasil em outros períodos da história, porém, é no ano de 1899 que teve início o período que é tido como o auge da imigração holandesa no Brasil, período em ocorreu a imigração das famílias Pit e van den Broek para o Rio Grande do Sul. Utilizando a História Oral e o paradigma indiciário de Ginzburg, pretendeu-se não validar ou refutar hipóteses, e sim compreender fenômenos revelados pelas falas do depoente e pelo relato biográfico escrito por um descendente direto destes imigrantes holandeses. Fatos coletados a partir de relatos orais nos auxiliaram na reconstrução das histórias do cotidiano, aprofundando nas experiências e memórias de uma imigração holandesa no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Memória. Biografia. Imigrantes. História oral.

ABSTRACT

DUTCH IMMIGRANTS IN RIO GRANDE DO SUL: NARRATIVES AND MEMORIES

The processes of European immigration to Brazil cover a vast historical period, from the mid-nineteenth century with the arrival of the first immigrants to replace slave labor in rural areas, until the beginning of the twenty-first century. In this context, the aim of this article focuses on analyzing Batavian history, told from the narratives of descendants of two Dutch families, Pit and van den Broek, who came to Brazil in 1908 and 1909. It is known that the Dutch immigrated to

Brazil in other periods of history, however, it was in 1899 that the period that is considered the peak of Dutch immigration to Brazil began, a period in which the Pit and van den Broek families migrated to Rio Grande do Sul. Using Oral History and Ginzburg's evidence paradigm, it was intended not to validate or refute hypotheses, but rather to understand phenomena revealed by the deponent's speeches and by the biographical report written by a direct descendant of these Dutch immigrants. Facts collected from oral reports helped us in the reconstruction of everyday stories, deepening the experiences and memories of a Dutch immigration in Rio Grande do Sul.

Keywords: Memory. Biography. Immigrants. Oral history.

RESUMEN **INMIGRANTES HOLANDESES EN RIO GRANDE DO SUL: NARRATIVAS Y MEMORIAS**

Los procesos de inmigración europea a Brasil abarcan un vasto período histórico, desde mediados del siglo XIX con la llegada de los primeros inmigrantes para reemplazar el trabajo esclavo en las zonas rurales, hasta principios del siglo XXI. En ese contexto, el objetivo de este artículo se centra en analizar la historia batava, contada a partir de las narraciones de los descendientes de dos familias holandesas, Pit y van den Broek, que llegaron a Brasil en 1908 y 1909. Se sabe que los holandeses emigraron a Brasil en otros períodos de la historia, sin embargo, es en el año 1899 que comienza el período que se considera el pico de la inmigración holandesa a Brasil, período en el que las familias Pit y van den Broek emigraron a Rio Grande do Sul. Utilizando la Historia Oral y el paradigma de evidencia de Ginzburg, se pretendía no validar o refutar hipótesis, sino comprender fenómenos revelados por los discursos del declarante y por el informe biográfico escrito por un descendiente directo de estos inmigrantes holandeses. Hechos recogidos de relatos orales nos ayudaron en la reconstrucción de relatos cotidianos, profundizando en las vivencias y memorias de una inmigración holandesa en Rio Grande do Sul.

Palabras clave: Memoria. Biografía. Inmigrantes. Historia oral.

Introdução

Os processos de imigração europeia para o Brasil compreendem um vasto período histórico, desde meados do século XIX com a chegada dos primeiros imigrantes para substituir a mão de obra escrava nas áreas rurais, até o início do século XXI (Demartini, 2010).

Neste contexto, o objetivo deste artigo se

concentra em analisar a história batava, contada a partir das narrativas de descendentes de duas famílias holandesas, Pit e van den Broek, vindas para o Brasil em 1908 e 1909.

Sabe-se que os holandeses imigraram para o Brasil em outros períodos da história, porém, é no ano de 1899 que teve início o período que

é tido como o auge da imigração holandesa no Brasil, período em ocorreu a imigração de famílias holandesas para o Rio Grande do Sul.

Este artigo procura salientar a importância da biografia histórica e da história oral para a compreensão dos contextos migratórios, dos dilemas enfrentados pelos imigrantes e de suas vivências. Para tanto, aborda histórias de vida e depoimentos, por meio de narrativas orais, sob a ótica do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (Ginzburg, 1989), uma vez que a abordagem trazida pela biografia histórica através da história oral tem contribuído para a ampliação dos conhecimentos dos sujeitos imigrantes e suas trajetórias de inserção ao contexto brasileiro.

Utilizando a História Oral e o paradigma indiciário de Ginzburg, pretendeu-se não validar ou refutar hipóteses, e sim compreender fenômenos revelados pelas falas do depoente e pelo relato biográfico escrito por um descendente direto dos imigrantes holandeses.

Metodologia

Especificando a metodologia empregada para se trabalhar com História Oral, elegeu-se a História Oral de vida em oposição à História Temática. Definindo-as, a segunda relaciona-se com um período ou com um tema dentro da vida do depoente, enquanto que a primeira centra-se em sua trajetória; ambos se relacionam ao método biográfico, à vivência e à experiência que possuem (Alberti, 2005, p.39). A opção pela História Oral de vida possibilitou o emprego de roteiros abertos, semiestruturados, reconstruindo-se assim fatos da vida familiar do depoente, o qual tinha liberdade na estruturação de sua narrativa.

Como método de coleta de dados, foram realizadas 5 entrevistas no período de novembro de 2021 a janeiro de 2022, visando uma aproximação aos fatos da vida, bem como da relação de Leonardo Van Den Broek, neto da-

queles imigrantes, como detentor de memórias, documentos, textos e fotos que remetem a outros tempos. O contato com o entrevistado visa a busca de elementos que indiquem o caminho narrativo, o caminho da construção da biografia histórica das famílias Pit e Van Den Broek.

Em um primeiro encontro, a pesquisa tem a prerrogativa do conhecimento da vida do entrevistado e desenvolve-se na procura de um caminho com aspectos amplos, gerais. Ou seja, vincular a relação, a proximidade com o biografado com outros familiares, histórias que o entrevistado escutou ou viveu junto às famílias pesquisadas. Este momento é necessário para sondagem e orientação, na criação de um eixo narrativo, de uma linha do tempo, visto a existência de um material já escrito, porém sem ordem cronológica, assim como fotos e outros materiais que podem auxiliar no esclarecimento dos fatos narrados.

Durante a execução das entrevistas foram utilizados documentos, fotos, objetos e notícias do acervo do depoente que contribuíram para a recordação das histórias e fatos vividos.

Tais fotos, objetos, notícias e documentos foram considerados, observados e confrontados com o referencial teórico, no intuito de aproximar as narrativas das entrevistas dos fatos históricos já registrados. Assim, “a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema [...] no contexto histórico e cultural dado” (Alberti, 2005, p.30).

Para a reconstrução dos fatos históricos associados às experiências desses indivíduos, protagonistas da presente pesquisa, foram coletados dados através da metodologia da história oral, através do registro da voz remanescente de um neto das famílias imigrantes, apresentando os sujeitos excluídos da história oficial inserindo-os no enredo (Alberti, 2005; Delgado, 2006), utilizando, como método de coleta de dados, a análise documental e entrevistas semiestruturadas com questões abertas,

cujo roteiro foi elaborado previamente. As entrevistas gravadas e armazenadas foram transcritas para a análise dos depoimentos obtidos. As entrevistas foram realizadas com Leonardo van den Broek, esclarecendo fatos e perspectivas, assim como narrativas e histórias apresentadas sob o foco das próprias memórias.

Além da história oral obtida através das entrevistas, foi realizada uma pesquisa documental através de fotos, matérias de jornal, e de um material escrito por descendentes também imigrantes para o Brasil, ainda na consulta de documentos disponíveis no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). O material escrito por descendentes constitui-se de depoimentos de familiares, compilados em uma obra não acadêmica, que apresentava fatos dispersos e sem ordem cronológica. Portanto, a utilização deste material necessitou de atenção aos pormenores e investigação dos fatos ali descritos, através do cruzamento com outras fontes disponíveis, a fim de que ele servisse de “bússola” para a construção do caminho narrativo a ser traçado durante as entrevistas.

A relação e a análise das situações narradas nas entrevistas assim como no material escrito e documentos, como fotos, cartas e notícias serviram de matéria prima frente a livros e artigos já publicados, sob a ótica do “paradigma indiciário” de Carlo Ginzburg (Ginzburg, 1989).

Os idealizadores da imigração e suas motivações

Jacob Pit, holandês e agricultor, avô do depoente apresentava todos os requisitos para ser imigrante no Brasil. Foi impulsionador da ideia da imigração e figura como protagonista nos relatos, orais e escritos, das memórias dos descendentes, inclusive do neto Leonardo Van Den Broek.

Segundo Haas (2014), com relação à migração, em primeiro lugar, as pessoas precisam de

acesso a elementos sociais (outras pessoas), e humanos (conhecimentos e habilidades), e ainda, “capital”, fatores que permitem proporcionar uma espécie de situação de conforto e de coragem para enfrentar a mudança. Já no sentido contrário, no caso de haver condições para permanecer, faz-se necessário existir condições honestas de vida no seu lugar de origem.

Jacob era de uma origem bastante humilde, veio da colônia em busca de um emprego, de um trabalho melhor, só que ao chegar em Amsterdã, sem uma instrução formal, percebeu grande dificuldade. Na época, uma colocação em um bom posto de trabalho apresentava-se escassa até mesmo para aqueles que já tinham preparo e um traquejo nas grandes cidades e apresentava-se ainda mais difícil para aqueles que se deslocavam da colônia. Os empregos que Jacob arranjava eram de cunho braçal, subempregos, pois suas habilidades vinham da colônia (Van Den Broek, 2021).

Já o outro avô, Adriano van den Broek, filho único, era mais ilustrado e foi seminarista, teve uma educação mais aprimorada (Van Den Broek, 2021).

Adriano van den Broek, além de apresentar a ideia para Jacob Pit sobre migração, também almejava a vida em um país com clima mais ameno. Defensor e muito ligado à classe operária e ao pensamento socialista da época, gostava muito de falar e discursar, o que estava acercando problemas políticos ao seu encontro. Adriano, além de ter estudado em um seminário era artesão e se dedicava ao ofício da carpintaria. Casado com Plona Maria Kerseboom, ambos naturais de Amsterdã, sempre viveram e construíram sua vida nessa cidade (Van Den Broek, 2021).

Na Holanda, uma das adversidades naquele momento, além do aumento significativo da população, era a pequena área territorial e a localização geográfica. O país passava por dificuldades por não possuir espaços suficientes para

o ofício da agricultura. O resultado foi a saída de inúmeras famílias do meio rural, rumo às cidades industrializadas, fazendo com que o país não escapasse aos problemas passados pela Europa em meados de 1900, ou seja, também estava percebendo os efeitos do superpovoamento e da falta de trabalho, ocorridos no período naquele continente (Cordeiro, 2012). Tal retrato da situação histórica naquele período constitui-se em fatores que auxiliam no entendimento do interesse na imigração naquela população.

De acordo com os relatos (Pit, ca. 1960), o inverno de 1908 foi muito rigoroso na Holanda e, um dia, Jacob Pit, já muito insatisfeito com o atual momento de vida, chega em casa gelado e desanimado por sentir tanto frio e diz:

Me dá vontade de fugir daqui. Estes invernos são duros de aguentar, eu tenho vontade de ir embora, encontrei com um tal de Adriano, e ele me contou que existe emigração para o Brasil. Lá é um lugar melhor para viver, é um país mais quente. Ele é um funcionário da tipografia e ouve muitas novidades. A imigração é grátis, e o governo brasileiro ainda dá o sustento por seis meses para toda a família até a primeira colheita da plantação. É agora ou nunca (Pit, ca. 1960).

Leonardo van den Broek também apresenta o seu avô paterno, Adriams Johannes Cornelis van den Broek, conhecido no Brasil como “Adriano” van den Broek.

Segundo Leonardo van den Broek, eles se conheceram na tipografia.

Adriano era mais revolucionário, mais líder, falava, falava e tal, tanto que falou com esse outro, meu avô que também foi trabalhar nessa tipografia como carroceiro [...], empurrava lá, fazia distribuição de coisas, enfim era um trabalho mais rude. Que ele tinha vindo do interior da Holanda, ele veio de Steenwijk (Van Den Broek, 2021).

A partir do entusiasmo e oportunidade de imigração apresentado por Adriano van den Broek e pela corrente ideia de um país além-mar com melhores condições para criar

a família, onde prevalecia um clima ameno e boas possibilidades de trabalho rural, no dia seguinte Jacob faltou ao serviço e foi tratar de se inscrever no “Bureau da Emigração”. Exigiam muitas condições que tinham que ser comprovadas através de atestados: ser agricultor, folha de bons antecedentes e passaporte para todos os membros da família além de atestados de saúde com vacinação contra as doenças contagiosas da época (PIT, ca. 1960).

Jacob tinha raízes na Holanda, mas uma pessoa do campo que deixa a colônia por não possuir grandes lotes de terra para conseguir sustentar sua família que estava crescendo e como solução vai a procura de uma vida, de um sonho, na cidade e só encontra desilusão. Então ele resolve vir para o Brasil porque aqui ele ia ter terra, ia ter espaço, ia poder criar gado, ia poder crescer, expandir o sonho dele de proprietário rural que lá ele já não tinha mais como fazer esse sonho. Então esse foi o motivo (Van Den Broek, 2021).

A primeira viagem para o Brasil

Em uma pesquisa no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), no suposto ano da vinda das famílias Pit e van den Broek da Holanda, ou seja, 1908, pode-se observar registros de três navios a vapor que partiram do porto de Amsterdã: Amstelland, Rynland e Zee-land. Estes navios realizaram a rota da Holanda para o Brasil, especificamente para o Rio de Janeiro, para a chamada Hospedaria da Ilha das Flores, quinze vezes nesse período.

As informações pesquisadas sobre os imigrantes que pisaram em solo brasileiro, mostram que eles são originários dos seguintes países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Itália, Japão, Polônia, Portugal, Rússia e Suíça.

Nos dados contidos no Sistema de Informações do Arquivo Nacional, não foram encontrados registros da família Pit no ano de 1908. Entretanto, foram encontrados os registros da

família van den Broek. Estas informações apresentam-se pertinentes, visto que, segundo os relatos verbais colhidos, as duas famílias vieram para o Brasil no mesmo período, mas não esclarecem com seus pormenores a data correspondente da viagem e chegada ao Brasil.

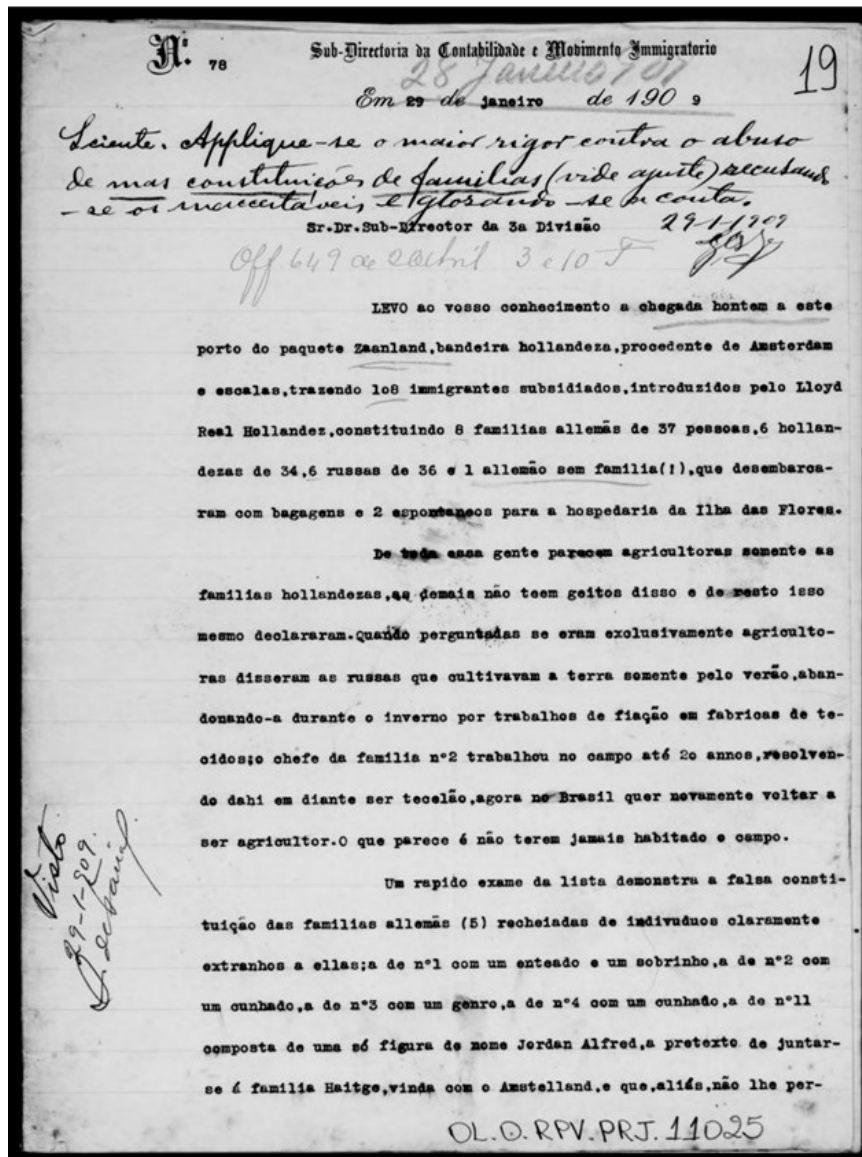
Embora tenham feito planos para deixar a Holanda, a família Pit não embarcou no mesmo navio no qual viajou a família van den Broek e foram encontrar-se somente em outro tempo, mais tarde, já no Brasil (Van Den Broek, 2021).

Já o navio que trouxe a família Pit para o

Brasil, Zeeland, deixando o porto de Amsterdã no dia 06 de janeiro de 1909 e chegando ao porto do Rio de Janeiro, na hospedaria Ilha das Flores, no dia 28 de janeiro do mesmo ano.

Os documentos de navegação, conforme Figura 1, informam que o navio trazia 108 imigrantes subsidiados, sendo 38 de origem alemã, 36 russos e 34 de 6 diferentes famílias de holandeses. Também manifesta que “De toda essa gente parecem agricultores somente a famílias holandesas, as demais não teem geitos disso e de resto isso mesmo declaram”.

Figura 1 - Informações de Bordo do Navio Zeeland



Fonte: Sistema de Informações do Arquivo Nacional - SIAN¹

1 Disponível em: <http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_OL/0/RPV/PRJ/11025/BR_RJANRIO_OL_0_RPV_PRJ_11025_d0002de0002.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2022.

Finalmente, chegava o dia da viagem. Jacob Pit, embarcando com sua família, levavam caixas e baús com roupas, ferramentas, utensílios domésticos e até tapetes. O embarque era demorado, havia muita carga e gente; pessoas estranhas para eles, com trajes diferentes que falavam um idioma que a família Pit não conseguia entender (PIT, ca. 1960).

Jacob comenta com o seu filho Rodolfo:

– Porque você olha tanto para esta gente, eles são assim como nós.

– Gostaria de falar com eles [Rodolfo]

– Então vamos nos apresentar [...].

Junto da senhora havia um guri e uma guria.

Ele estava se entendendo com a mulher, e ela disse para nós crianças:

– Vão brincar.

E assim Rodolfo começou a aprender o alemão (Pit, ca. 1960).

Não é extraordinário o fato de os imigrantes lembrarem de detalhes da viagem. A mudança de vida de forma tão radical transforma e cria lembranças muito profundas na vida de uma pessoa.

[...] nome do navio, a comida, a mansidão do oceano e as tempestades, os portos intermediários em que se desce a terra e, sobretudo, a chegada. Impressões variáveis, de acordo com a condição de classe, as conexões familiares ou de amizade na nova terra, ou país para onde se vai. Mas um traço comum de ansiedade, estranheza, expectativa sublinha a chegada do imigrante, no período da imigração em massa, situado, aproximadamente, entre 1870 e 1930 (Fausto, 1998, p. 15).

Como o navio, assim como toda a sua tripulação eram de holandeses, os patrícios tiveram alguns privilégios. Já ao embarcar, os russos, poloneses e outros foram primeiro, sendo alojados no fundo do barco (Pit, ca. 1960):

– Lá era mais sujo, tinha água acumulada e tinha mau cheiro, mas nós ficamos mais acima. O pai [Jacob] falando com um dos tripulantes, perguntou:

– Que raça são estas pessoas que estão usando aqueles gorros de pele?

– São russos da Sibéria, é bom vocês não se misturarem com eles, são brutos, sujos e tem doenças. Se afastem, senão quando chegarem ao seu destino vocês estarão iguais a eles. Aqueles que usam bonés são poloneses e os que têm uma pena no chapéu e usam calças de couro são alemães da Baviera, são gente boa. Um deles quis falar comigo [Roelof, no Brasil conhecido como Rodolfo Pit], mas era diferente do alemão dos outros e eu não entendi nada (Pit, ca. 1960).

Na época, aconteciam grandes movimentações populacionais, a viagem transatlântica estabelecia para os aventureiros imigrantes um momento marcante na sua vida. “A partida assinala o encerramento de uma parte da existência ou quase sempre abandono da pátria [...] à qual muitas vezes se deseja retornar, sem que tenha certeza da possibilidade de retorno. No outro polo, a expectativa da chegada encerra esperanças, temores, incertezas” (Fausto, 1998, p.14).

A viagem começou no caminho de Amsterdã até o mar, a sensação, naquele momento, foi de horas. O rio por onde o navio seguia ficava sete metros acima do nível das casas e lavouras. No fim do canal chegaram ao mar aberto e o ar, neste momento, mais agradável visto que estavam em uma situação favorável (Pit, ca. 1960).

Desde o momento do embarque, Jacob caminhava e conversava bastante pelo navio Zeeland, vendo que todos estavam acomodados, descobriu um camarote desocupado que deveria servir como enfermaria (Pit, ca. 1960).

Era uma sala espaçosa com muitas camas e beliches. A viagem transcorria bem e sem a necessidade da utilização hospitalar. Então, Jacob foi falar com o comandante sobre a possibilidade de ocupar aquele lugar, argumentou que tinha uma família grande e com crianças pequenas. O capitão permitiu que eles se alojassem ali, junto com outras famílias. Entre elas havia uma família de alemães e, juntos, começaram a fazer planos na intenção de ir para o mesmo lugar. (Pit, ca. 1960).

Eles não sabiam ao certo o que lhes aguardava, mas sabiam que precisavam uns dos outros para superar os desafios. Formariam uma boa amizade e ainda aperfeiçoaram a língua alemã. Com relação às refeições, recebiam em bandejas e travessas, lembrou Rodolfo:

A comida era boa e gostosa assim como era em casa, como estávamos acostumados, já para aqueles que estavam mais abaixo do navio, a alimentação descia em papelões, o ar era pesado, e o cheiro do vapor causava enjoos, além disto, o barulho das máquinas, dia e noite era atordoante (Pit, ca. 1960).

“Como eles tinham um bom relacionamento com a tripulação, os filhos mais velhos ajudavam na cozinha e Jacob ajudava a servir os outros passageiros no porão” (Pit, ca. 1960).

Lembra Leonardo van den Broek, que seu tio Rodolfo Pit falava muito sobre o fato de terem descascado muita batata no navio. Possivelmente os benefícios que tiveram vieram acompanhados de algumas trocas de favores e retribuições para a tripulação. “Ele pegou um horror de descascar batatas porque passava às vezes uma manhã inteira, vários dias descascando batatas para fazer a comida”. Certamente, descascaram batatas para as refeições de todos os passageiros a bordo, o que também teria proporcionado uma refeição melhor (Van Den Broek, 2021).

“Bem que minha mãe nos havia ensinado a descascar as batatas dizendo que a casca devia ser bem fina e nos ameaçava cozinhar as cascas para comermos se elas fossem muito grossas. Nós descascamos muitas batatas naquela viagem”, rememorou Rodolfo Pit (Pit, ca. 1960).

A viagem transcorreu sem nenhum problema para a família Pit. Reforçavam suas amizades e tinham noção de que estavam muito bem acomodados pelo que observavam dos outros passageiros alojados no porão do navio².

2 “Assim, Luigi Toniazzo, vêneto também, descreve sua viagem com destino ao Rio Grande do Sul, em 1893, indignado: Como estávamos amontoados naquele

Felizmente nós tínhamos só uma escada para subir para poder respirar ao ar livre”. Estávamos perto dos barcos salva-vidas, em caso de perigo. Nós tínhamos um colete salva-vidas embaixo do travesseiro, e ficamos sabendo que aquela gente que estava mais lá embaixo não tinha, por esta razão os patrícios tinham embarcado por último (Pit, ca. 1960).

Muitas informações necessárias para o esclarecimento da pesquisa e dos fatos, em muitas circunstâncias, tornam-se nebulosas visto a dificuldade de acesso, o estado e a perda de documentos. Finalmente após 22 dias de viagem, viram aparecer a costa brasileira no dia 28 de janeiro do mesmo ano. Mas ainda estariam longe do destino como recorda Rodolfo Pit:

Tínhamos que esperar um tempo no Rio de Janeiro, na baía da Guanabara, em um posto de imigração que chamavam de a “Ilha das Flores” e lá ficamos quase outro mês de quarentena. O navio não pode atracar e nos levaram em um barco até a ilha. Toda a travessia para fora da ilha era feita de barco, também até a cidade. Quando o navio foi embora se afastando começamos a nos sentir abandonados e os nossos laços com a pátria foram de vez cortados (Pit, ca. 1960).

A chegada ao Brasil: desafios e desapontamentos

Entre os benefícios prometidos pelo governo brasileiro aos imigrantes, estavam: artigo 2 - alojamento, agasalho e alimentação na hospedaria da Ilha da Flores pelo tempo necessário até seguirem ao seu destino; no artigo 3, transporte gratuito até o local mais próximo do destino escolhido. Todavia, os imigrantes chegados no Brasil não tinham ideia do que os aguardava, assim acabavam por aceitar as indicações das próprias autoridades locais. Segundo Leonardo van den Broek:

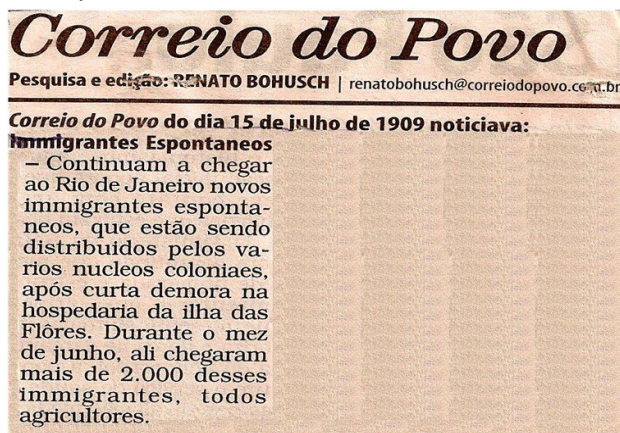
navio meu Deus, quando embarcaram outros passageiros. Naquele bendito vapor éramos mais de duas mil e quinhentas pessoas ocupando a terceira classe, apertados como sardinhas em latas” (ALVIM, 1998, p.239-240).

Eles chegavam no Brasil já com o local onde eles achavam que precisava mais gente e botavam. Isso ficava por conta do pessoal da aduana que distribuía: - se alguém insistisse ou pedisse pra ficar num local ou noutra, talvez eles cedessem porque me parece que uma das vezes eles tinham sido designados para Minas Gerais e depois vieram pro Rio Grande do Sul, [...], mas eles vinham aventurando, o que acontecesse pra eles estava... (Van Den Broek, 2021).

Segundo uma pesquisa de Fadanelli (2015), realizada com imigrantes italianos, somente após a chegada ao porto do Rio de Janeiro, na Hospedaria Ilha das Flores, ou de Santos (SP) na Hospedaria dos Imigrantes, que as famílias, independente do país de origem, descobririam para qual região do país seriam levadas.

A Figura 2 apresenta um recorte do jornal Correio do Povo datado de 1909, informando da chegada de mais imigrantes espontâneos que, após uma breve estadia na Hospedaria da Ilha das Flores, já estariam sendo encaminhados para um núcleo colonial.

Figura 2 - Notícia do Correio do Povo sobre imigrantes espontâneos.



Fonte: Recortes do jornal Correio do Povo sobre imigrantes holandeses no Rio Grande do Sul.

Naqueles dias procuravam ficar junto dos seus conterrâneos e conhecidos. Nas bagagens não podiam mexer, havia ordens para separar alguns objetos de uso pessoal, o que era muito pouco. As praias eram lindas e Rodolfo e seus amigos tiravam a roupa, ou muitas vezes com

roupa e tudo, entravam no mar, o que causava grandes preocupações a sua mãe, Hiltje Andries Eisma. Tomavam muitos banhos, o que era recomendado para preservar a saúde. Havia falta de higiene nos alojamentos e, entre outras coisas, tinham de lidar com as pulgas e piolhos (PIT, ca. 1960). O depoimento de Rodolfo Pit é corroborado por Sevcenko que diz que: “questão de saúde também eram os banhos de mar, já que pela passagem do século eles são incorporados às técnicas terapêuticas, com os médicos aconselhando para todas as moléstias um mergulho no salso elemento”, mas não ao sol, cujos efeitos maléficos deveriam ser evitados a todo custo (Sevcenko, 1998, p. 572).

Assim passaram aquele tempo de espera na Hospedaria da Ilha das Flores, as crianças desbravando novas brincadeiras e gastando suas energias. Já aos pais lhes cabia conversar e planejar o futuro junto aos seus conterrâneos, aguardando até serem encaminhados ao seu destino no Brasil (Van Den Broek, 2021).

Minha mãe tinha recomendado que não nos afastássemos muito e então passávamos o dia com os amigos a percorrer a ilha e imaginar aventuras. As pessoas não tinham o que fazer, o calor era muito, e não estávamos acostumados com aquele clima e às vezes alguns passavam mal. Para nós crianças tudo era divertido, brincávamos e tínhamos uma ilha inteira para vasculhar e percorrer. Deixávamos correr a nossa imaginação em aventuras mil que pensávamos viver. Os adultos não tinham o que fazer, então, viviam prostrados, sentados nas poucas sombras que havia, conversando, sonhando e fazendo planos. Para nossos pais tudo era monótono. As mulheres se agrupavam e contavam histórias de suas origens, de suas famílias com saudades de sua pátria provocando muitas vezes as lágrimas. Os homens mais favorecidos tinham permissão de vez em quando em ir à cidade do Rio de Janeiro e quando voltavam tinham muito o que contar sobre o que lhes havia acontecido (Pit, ca. 1960).

As instalações estavam divididas em num primeiro edifício dividido em quatro grandes

ambientes para a acomodação das famílias, ainda com três salas destinadas a enfermarias e consultório médico, dois escritórios além de salas para os funcionários. Outro prédio com cozinha, copa e despensa onde se encontrava o salão do refeitório com 400 lugares de uma só vez. Consta no “Guia do Emigrante para o Império do Brasil” a seguinte manifestação: “a comida dos imigrantes é sadia, abundante e bem preparada, tendo-se muito em vista servi-los de preferência com os alimentos a que se acham mais habituados, segundo os usos de cada nacionalidade” (Vasconcellos, 1884, p. 11).

Segundo os relatos, uma das coisas que mais estranharam foi a comida. Muitas vezes preferiam passar fome a comer aquele alimento que desconheciam. Feijão preto não era conhecido, pois na Europa só havia a variedade de cor, sem caldo, servido com batatas a vapor com fatias de toucinho frito ou costeletas de porco. O feijão escuro com caldo grosso assemelhava-se a sopa de ervilhas que estavam acostumados a comer no país natal, a qual continha pedaços de carne e ficava escura. Nos primeiros dias a impressão com relação à comida foi horrível. A farinha que acompanhava as refeições tinha um gosto de pura serragem para os estrangeiros, depois passaram a saber que aquele produto era derivado da mandioca. Só conseguiam comer o arroz que também estranhavam. A refeição mudou quando chegou um outro navio que trazia imigrantes italianos. O cardápio passou a ser massa e polenta ainda estranhos (Pit, ca. 1960).

Aponta Rodolfo Pit que passavam fome voluntariamente devido à mudança da alimentação. O calor e o clima causavam desconforto entérico em muita gente. Aos poucos, porém, com cuidados médicos e a adaptação do próprio organismo, foram superando os desafios do novo país. Muito possivelmente esta era a razão da estadia na Ilha das Flores (Pit, ca. 1960).

Outro fato pitoresco lembrado por Rodolfo ainda relacionado à alimentação foi sobre uma polenta, assim que a embarcação de italianos atracou na Hospedaria Ilha das Flores. Com a mudança do cardápio, a primeira vez que viram uma polenta estava secando no alto de uma janela da cozinha do alojamento. Rodolfo e os amigos surrupiaram a polenta e sentaram-se escondidos a comer. “Que horror, que porcaria, que decepção, não puderam comer aquilo o que lhes causou até náuseas” (Pit, ca. 1960).

A maioria das vezes, os holandeses na cidade do Rio de Janeiro, pela dificuldade de comunicação devido ao desconhecimento da língua portuguesa, proporcionaram episódios pitorescos por não serem compreendidos.

Ao imigrante que deseja ir à cidade para tratar de qualquer negócio é concedida pelo director a devida permissão, podendo ser acompanhado por um empregado do estabelecimento, se pretender fazer transações de câmbio ou alguma compra de instrumentos para os trabalhos a que se destinão (Vasconcellos, 1884, pg.13).

Um dia, Jacob com alguns amigos solicitaram permissão para ir até a cidade do Rio de Janeiro, alguns até pensaram em procurar emprego, mas era difícil pois holandeses recentemente chegados não conheciam o idioma português e assim não conseguiam se comunicar.

A lembrança e os fatos apresentados sobre a Hospedaria da Ilha das Flores apontam um tempo adequado de adaptação necessária com relação a uma nova língua, novas pessoas, enfim uma nova cultura de um novo país.

O sol no Rio de Janeiro era lindo, mas muito quente nas noites com luar o céu era tão claro e as estrelas tão brilhantes como ainda não havíamos visto igual, fazendo reflexos às ondas brilhavam na areia da praia ao se quebrar. Nós nos reuníamos na beira da praia e cantávamos as canções de nossa terra. Franz, nosso amigo alemão, lastimava não poder tocar a “cítara” e eu ficava curioso em conhecer este instrumen-

to pensando como deveria ser lindo, pois os cantos só por si já eram muito bonitos (Pit, ca. 1960).

As informações apresentadas procuram, de certa forma, representar momentos de convencimento de uma ruptura com a terra natal, mas os imigrantes não tinham a menor noção do que os esperava (Alvim, 1998).

O significado dessas viagens para a memória dos que partiram não podia ser diferente. Da saída de um ponto seguro, com os pequenos povoados em que viviam, até a possibilidade de deitar-se novamente sobre um colchão, fosse ele feito de um amontoado de folhas de bambu, macela ou palha de milho, levava tempo (Alvim, 1998, p.240).

Foi um longo processo até a tomada da decisão final para realizar a imigração para o Brasil. Segundo o entrevistado, Jacob Pit era um homem da colônia, um homem mais rude, mas tinha algum espírito de aventura, tanto que teve coragem de vir para o Brasil (Van Den Broek, 2021).

Acho que já naquela época eles tinham uma noção muito boa. Os dois [Jacob e Adriano] se conheceram lá [Holanda], mas vieram em navios separados, a primeira vez. Tanto que vieram duas vezes para o Brasil. Vieram pela primeira vez para o Brasil e se radicaram em locais diferentes (Van Den Broek, 2021).

Os imigrantes tinham a liberdade de escolher ou ao menos indicar o seu destino, “nenhuma imposição lhes é feita”. Assim, após o tempo adequado para uma breve adaptação em terras brasileiras, na Hospedaria da Ilha das Flores, eram enviados aos seus destinos (Vasconcelos, 1884, p.9).

Mas será que eles realmente poderiam escolher ou ao menos ter condições de indicar a região para onde gostariam de seguir com o fim ao qual cobiçavam? Os novos imigrantes em terras brasileiras pouco conheciam as realidades do país de chegada. Naquela época, as

informações, além de poucas, demoravam a alcançar e atingir aqueles que desejavam e, desta forma, a escolha não apresenta um parecer tão legítimo como exposto.

Na entrevista realizada, Leonardo Van Den Broek, apresenta que eles almejavam chegar em um lugar melhor para construir a vida, em uma situação digna para viver. Aqui chegando, “caíram na realidade de que o sonho não era tão dourado assim” (Van Den Broek, 2021).

Segundo Fausto (2012), a precariedade da condição de vida na chegada ao Brasil foi tamanha para muitos, que governos de diferentes países europeus tomaram medidas contra o recrutamento de imigrantes, proibindo a imigração subsidiada para o Brasil.

Como ocorrido na condição de Adriano Van Den Broek e sua família, de modo que, depois de ficarem alojados no Rio de Janeiro, foram embarcados em outro navio. Depois de outra movimentação, uma segunda viagem, chegam ao Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. De lá foram levados de trem, e depois de carreta, até a Colônia Guarani, na região missioneira. Naquele lugar descarregaram as caixas, os baús e todos os pertences que haviam trazido com eles da Holanda. Foram “largados” nas terras que lhes eram destinadas, onde nada havia. Primeiro fizeram uma barraca de bambu³, com fogo de chão, onde cozinhavam aquilo que conseguiam ou o que havia naquele momento para comer (Pit, ca. 1960).

Em realidade, já haviam passado por uma viagem interoceânica, saindo do seu habitat natural e ainda foram submetidos a outras intensas condições de viagens em outro navio, trem e carreta até um lugar ermo, para lá desenvolverem a vida sem as condições primárias como moradia e alimentação condigna. Somava-se a tudo isso, a dificuldade de comunicação (Van Den Broek, 2021).

³ “Eram os colonos que construía suas casas” (Alvim, 1998, p.257).

Ao chegarem nos lotes destinados haviam desmedidos desafios, abrir picadas na mata virgem e separar material para construir as moradias era o primeiro passo. Os contratemplos de enfrentar a escassez de alimentos, a língua estranha e as doenças como malária, febre-amarela, entre outras, eram algumas das inúmeras dificuldades bravamente enfrentadas (Schwarz, 2020).

Novamente questionavam-se sobre a propaganda, a qual haviam sido expostos. Para deixar a Holanda, encontrariam um país com clima ameno, um local para morar e ainda todos os meios necessários para iniciar a vida no novo país. A realidade encontrada foi bem diferente. “Largados” no meio do mato, com poucos recursos e, ainda, o escasso auxílio governamental para reiniciar a vida (Van Den Broek, 2021).

Os imigrantes, naqueles tempos, pioneiros encontraram muitas dificuldades na abertura das matas, no cultivo da terra, com pragas e animais desconhecidos. Enfrentaram doenças e mosquitos que tocaram as famílias com muito desgaste. Ainda seriam responsáveis pela construção das próprias casas que, numa primeira etapa, eram feitas com a madeira retirada das matas da região.

Eles traziam muitas coisas, isto é, dentro do pouco que tinham. A família Pit não tinha quase nada. Já os van den Broek tinham alguns móveis, tapetes, roupas, além de alguns brinquedos e pertences pessoais. O tapete foi uma “tábua de salvação” na época em que vieram para cá. “Quando largados no meio do mato não tinham o que fazer e nem para onde ir. Nas primeiras noites que passaram no mato utilizaram o tapete como casa, como se fosse uma tenda”, lembra Leonardo van den Broek o que lhe foi dito. Eles esperavam que o governo brasileiro auxiliasse com aquilo que havia prometido, mas apenas forneceram o mínimo para sobreviverem (Van Den Broek, 2021).

Os lotes eram afastados. Percorrendo a região acharam um galpão, onde se instalaram. Era uma peça só e ao lado havia um tapado que podia servir de cozinha⁴. Não havia portas nem janelas, só aberturas com tampos. E na cozinha reuniram umas pedras onde punham a lenha para servir de fogão. Lenha havia bastante, era só buscar no mato. Nós crianças tínhamos medo de entrar no mato, pois antes vivíamos na cidade grande e sabe-se lá o que poderia ter por lá (Pit, ca. 1960).

Adriano Van Den Broek tinha recebido um documento autorizando-o a buscar o material necessário para a construção da casa em uma serraria. Mas quem construiria a casa? - “Vocês mesmos” - disse o homem na serraria. A referida serraria tinha muitas encomendas e não conseguiam fornecer os insumos. Precisavam cortar os pinheiros, preparar e manufaturar a madeira (Pit, ca. 1960).

O recurso para conseguir construir a casa e ter dinheiro para sustentar a família, seria trabalhar na serraria, mas havia muito para fazer em sua morada. Preparar a terra e plantar, pois, estava na época do plantio e ajudaria no ganha-pão e alimentação da família. Procuravam ver como os moradores da região faziam e imitá-los. Movidos pela esperança de construir uma vida mais próspera, primeiro tinham que cortar o mato, limpar o terreno, queimar a roça e depois lançar na terra, o mais cedo possível, as sementes que haviam recebido. Aquela terra tinha que dar frutos, o alimento para o seu sustento, para a sua sobrevivência (Pit, ca. 1960).

Não dominar os padrões nativos significava, muitas vezes, quase morrer de fome, se para os primeiros colonos que chegaram o governo antecipou seis meses de alimentos, para os que vieram posteriormente a situação piorou. Na ocasião em que lhes era designado um lote e

⁴ A cozinha era construída fora do corpo da moradia em razão do temor de incêndios [...] um buraco na terra, feito no meio desse compartimento, em cima do qual punham lenha e ateavam fogo (Alvim, 1998, p.248).

deste tomavam posse, o governo lhes dava alimentos para quinze dias. Terminadas as provisões, eram obrigados a caminhar léguas para se reabastecer, deixando mulher e filhos sem qualquer assistência. Em muitos momentos, a ajuda de negros e caboclos foi essencial (Alvim, 1998, p.273).

A partir da reflexão acima, apresentada por Alvim (1998), observa-se que a realidade se repetia para muitos imigrantes que vinham para o Brasil. Isso quer dizer que, junto com as terras adquiriram uma quantidade de problemas e dificuldades e quase nenhuma assistência depois que eram desembarcados no seu destino final.

Todos os colonos recentemente chegados às novas terras viviam o mesmo problema, portanto, o melhor foi realizar um trabalho conjunto. Aos poucos começaram a controlar as dificuldades com muito trabalho. As crianças tinham que preparar a roça e plantar enquanto, o patriarca, Adriano trabalhava na serraria. A esposa de Adriano, Plona Maria, “quantas bolhas faziam, pisava nos galhos com espinhos, batia nas pedras”. Os pés e as mãos tornavam-se muito machucados, não usavam os sapatos porque o trabalho na terra iria estragá-los. Os sapatos eram guardados para os dias especiais e, com isso, muitos ferimentos de dedos e unhas arrebetadas (Pit, ca. 1960).

Quando começaram a ter coragem para se aventurar no mato descobriram um córrego de água limpa e fresca. O veio era estreito e corria sobre pedras que vinham das terras de cima do morro. Percorreram as margens e mais longe aquela linha d’água se espalhava em um açude. “Agora já não haveria pressa em construir um poço”, o que era difícil pois os colonos não tinham o conhecimento e utensílios necessários para fazê-lo. Teriam que mandar fazer o poço, mas não havia dinheiro para pagar (Pit, ca. 1960).

Com o tempo, as casas ficam prontas assim como a plantação. Ora, as sementes que possuíam para plantar, fornecidas pelo governo, consistiam em feijão, milho, mandioca, mo-

ranga, batata-doce, assim seriam esses os alimentos que teriam para comer, todavia eram comidas estranhas para os imigrantes, que não conheciam e muitas não sabiam como preparar (Van Den Broek, 2021).

O que faltava como farinha de trigo, banha, arroz, açúcar e sal se comprava ou se trocava, em um armazém que tinha de tudo, localizado a três horas a pé do local onde moravam. O dinheiro era escasso e quando este acabou começaram a vender o que tinham trazido, (jóias, brinquedos como bonecas, roupas destinadas para o frio, sapatos, pois já andavam de tã-mancos). Estavam ficando na miséria e, então, Adriano adoeceu. Muito decorrente dos mosquitos e outros insetos que não estavam acostumados e que quando picados formavam-se feridas que inflamavam causando febres impedindo-os de trabalhar (Pit, ca. 1960).

A utilização de tapetes como barraca apresenta mais uma situação de negligência governamental, a falta de abrigo, não condizente com a realidade que almejavam encontrar.

Há lembrança de uma família que perdeu os dois filhos menores. Quanto sofrimento estava custando aquele propósito de liberdade e independência (Pit, ca. 1960).

Naquela região, na época, não havia médicos. Aquelas pessoas ajudavam-se entre elas dentro do pouco que sabiam. Os caboclos⁵ que já viviam na região procuravam ajudá-los com “emplastos”⁶ de ervas e benzeduras (Schwarcz, 2015).

Plona Maria, esposa de Adriano, havia trazido da Holanda um livro sobre saúde e, desta forma, com os poucos conhecimentos, vinha a auxiliar como podia, chegou inclusive a ser chamada para atender em alguns partos (PIT, ca. 1960).

5 Nome atribuído aos descendentes de índios que, geralmente miscigenados, tem por hábito a vida rústica e isolada do convívio, às vezes, sem determinação étnica. <<https://www.dicio.com.br/>>.

6 Material utilizado para colocar esse remédio sobre o machucado; curativo. <<https://www.dicio.com.br/>>

A cada povo o seu credo, e também nesse campo a fé se misturou, Curandeiros, benzedoras, herbanários, percorriam fazendas e, na falta de médicos e remédios, esses profissionais ocuparam espaços vazios. Três “remédios” davam conta de uma coleção de males: óleo de fígado de bacalhau purificava; sal amargo liberava o estômago e curava constipações; óleo de rícino era purgante eficaz. Do Rio Grande do Sul às fazendas paulistas apelava-se para esses medicamentos milagrosos, e, quando nada dava certo, a saída era abusar das orações e dos curandeiros (Schwarcz, 2015, p.325).

Naquela época, muitas crenças foram criadas e utilizadas para tratamentos de doenças. Assim, soluções caseiras, benzeduras e curandeiros eram comuns, até mesmo porque para assistência de um médico, “o preço de uma consulta equivalia ao que se ganhava em um ano de colheita” (Alvim, 1998, p.268).

Diante de tantas adversidades enfrentadas no processo de habituação, o retorno à terra natal não era um objetivo descartável, muito pelo contrário, chegou um momento em que Adriano resolveu escrever para a rainha da Holanda, expondo os problemas dos colonos. Ele se identificou como descendente de um “nobre Rider van Freeswyk (parece que era este o nome)” que em tempos idos havia salvado a vida do rei da Holanda. E de fato através do consulado ele recebeu a resposta. Mandaram se apresentar no dia e hora marcados e após uma entrevista foram informados que eles poderiam voltar com a família recebendo passagens e tudo o que fosse necessário para o retorno (Pit, ca. 1960).

O retorno à Holanda

As reclamações dos imigrantes com relação a pouca estrutura e apoio do governo brasileiro levaram as autoridades, não só holandesas, mas de outros países também, a realizar uma pesquisa, no intuito de auxiliar na volta daqueles que não haviam tido êxito no Brasil (Fausto, 2012; Skidmore, 2003).

Conforme pesquisa realizada no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), vieram para o Brasil em uma mesma época as famílias Pit e Van Den Broek, essa em outubro de 1908 e aquela em janeiro de 1909, mas o caminho trilhado foi bem diferente. Já no documento com a lista de passageiros do navio que trouxe os imigrantes para Brasil, entre elas a família Pit, informa com precisão que três das famílias holandesas num total de 20 pessoas já estavam com o seu destino definido, seguindo viagem rumo para o Estado de Minas Gerais (MG) para a região de João Pinheiro.

Jacó, com a família, foi enviado de trem para Minas Gerais na fazenda João Pinheiro. Essa, uma antiga fazenda de escravos, onde foram instalados em uma senzala⁷ (Pit, ca. 1960).

“Alcançando a fazenda, que olham como um oásis desejado e o fim de seus males, qual não é o desalento em que caem quando encontram tudo diferente daquilo que lhes tinha sido pintado[...].” (Alvim, 1998, p.252).

O filho de Jacob, Rodolfo Pit, lembra que ficaram apavorados com os aposentos onde ficaram, assim como os aparelhos de tortura aos quais ficavam expostos. Ocorria que o capataz da fazenda os tratava da mesma maneira como costumava tratar os escravos, esse era o seu sentimento. Portanto, desenhou-se uma desilusão daquilo que lhes fora publicizado em relação à realidade que de fato se apresentava (Pit, ca. 1960).

O trabalho era intenso e cansativo, sendo mal remunerado. Com uma família grande, com crianças, em uma senzala foram mal acomodados, realidade muito diversa do que estavam acostumados ou daquilo que almejavam. Mal alimentados estavam vivendo em uma verdadeira miséria. Ficaram desesperados para ir

⁷ Habitação usada como alojamento para os escravos negros, trazidos ao Brasil, durante o período de escravidão. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

embora, voltar para a Holanda, mas não conseguiam juntar o dinheiro para o retorno (Pit, ca. 1960).

Aquele lugar com aquela realidade não apresentava o futuro idealizado por Jacob Pit para si e para sua família. Depois de algum tempo, conseguiram retornar com os subsídios do governo holandês, que procurou ajudar todos aqueles expatriados que não obtiveram êxito no Brasil (Pit, ca. 1960).

Aponta Fausto (2012, p.241 e 242), que muitos “imigrantes foram submetidos a duras condições de existência, resultantes das condições gerais de tratamento dos trabalhadores no país, onde quase equivaliam a escravos, atestam esse quadro o grande número dos que voltaram ao país de origem, as queixas dos cônsules” de muitas nacionalidades.

Em entrevista realizada com Leonardo van den Broek foram abordados o momento e a decisão do retorno para a Holanda, bem como as lembranças de fatos relacionados a este evento, ao que o entrevistado respondeu:

Não, eles não falavam nesse assunto. Pra eles isso aí, falavam que era longe, que foram pra lá e voltaram e a memória de criança deles também não, não guardo muito sobre isso. Quem poderia lembrar eram os próprios Jacob e o Adriano, os avôs, eles lembrariam bem quando é que foram, porque que foram, pra onde foram, como é que voltaram, mas as crianças iam aonde o pai ia né (van den Broek, 2021).

O trauma e o desgosto no qual foram submetidos na realidade existente no Brasil proporcionam um retorno precoce para a Holanda. Em menos de dois anos, saíram do seu país natal e retornaram para novamente viver na sua pátria. Voltam com a perspectiva de encontrar uma Europa, um país com mais oportunidades e condições mínimas e dignas, para se desenvolver (van den Broek, 2021).

Imigrantes de diferentes etnias, do início do século XX, foram embora do Brasil. Mui-

tos voltaram para seus países de origem, já outros, atraídos por melhores condições de trabalho, seguiram para novos destinos. Os tempos eram difíceis para os imigrantes e a expectativa de um país com oportunidades não apresentava, em muitas ocasiões, condições mínimas de subsistência e perspectivas de um futuro melhor.

Mais uma vez Jacob Pit com todo estímulo que ocorria na Europa entusiasmou-se, mas agora com o pouco de português que já havia aprendido e com a experiência adquirida, poderia ter um destino melhor. Eles ansiavam em adquirir a sua independência e viviam um objetivo de liberdade, porque aquela submissão servil entre patrão e empregado do início do século XX, na Europa, já não servia mais (Pit, ca. 1960).

Por outro lado, a família de Adriano quando voltou encontrou melhor sorte. Como havia outros parentes, familiares van den Broek na Holanda, todos de alguma forma quiseram ajudar. Assim, encontraram uma casa mobiliada e arrumada, como se nunca tivessem saído de lá (Pit, ca. 1960).

“Estavam felizes com a recepção e a ideia de uma Europa mais justa se apresentava latente, porém Adriano não encontrava trabalho. Ele era uma pessoa culta e preparada, havia estudado em um seminário, mas também era uma pessoa que falava muito e não levava desaforo para casa”. Na situação em que se encontrava a Holanda, havia muita discussão sobre política, em relação à crise e ao desemprego e, quando, Adriano, não estava trabalhando, vivia em rodas de amigos divulgando as suas ideias sobre aquilo que sabia sobre o socialismo. Já que tinha o dom da palavra e gostava de discursar, tornou-se popular e conhecido. Todavia, como emprego só logrou ser distribuidor de pão de uma grande padaria. Precisava levantar-se ainda pela madrugada para atender a freguesia e no seu labor era necessário empurrar uma carteira com as mercadorias que, naquela época, não era de tração animal como seria mais tarde (Pit, ca. 1960).

E mais uma vez deixaram a Holanda rumo ao sul do Brasil

Ainda em solo europeu, mais uma vez, Jacob Pit e Adriano van den Broek se encontraram para falar dos problemas que estavam vivendo e sonhar com dias melhores (van den Broek, 2021).

A Europa estava muito conturbada, falava-se muito em uma possível guerra (a Primeira Guerra Mundial). Entre outros motivos que corroboram como estímulo para deixar a Holanda rumo ao Brasil foi a retomada do sonho da esposa de Adriano, Plona Maria Kerseboom, que era muito supersticiosa, que uma noite imaginou que um anjo lhe apareceu e lhe avisou: - “Foge, salva teus filhos porque senão tu vais perdê-los na guerra” (Pit, ca. 1960).

Então, decidiram deixar de vez o Velho Mundo e voltar ao Brasil. A aspiração de viver num país com condições dignas de criar a família, como continuava sendo amplamente propagandeado pelo governo brasileiro, atraía a sua atenção. Começaram então, novamente a se preparar, mas agora realizariam uma viagem como passageiros, pagariam por suas passagens e levariam tudo que lhes poderia servir para o seu sustento e conforto, fariam uma mudança com todos os pertences (Pit, ca. 1960; van den Broek, 2021).

Adriano obteve de seus tutores e educadores padres, uma carta de recomendação e saiu da Holanda com uma indicação de emprego. Já não pensava em voltar ao interior, para a colônia. Por outro lado, Jacob Pit queria ser proprietário de terras, ser colono como fora em Steenwijkerwold (Pit, ca. 1960).

Embora Adriano e Jacob tenham feito, juntos, planos para viagem, novamente realizaram a viagem em navios distintos. Nesta ocasião, a família Pit foi pioneira na movimentação, deixando a Holanda mais uma vez com o navio Zeeland no dia 24 de abril de 1912, chegando

ao Brasil no dia 12 de maio do mesmo ano. Os registros do SIAN, apresentam os dados relativos à viagem da família Pit. A partir desses documentos, podemos concluir que a segunda vinda para o Brasil levou 18 dias para completar o deslocamento e que todos os membros da família Pit que vieram na primeira viagem estavam presentes na segunda oportunidade.

Como já sucedido na primeira viagem para o Brasil, mais uma vez passaram pela hospedaria da Ilha das Flores (Pit, ca. 1960).

Em um dos documentos encontrados no SIAN, além da indicação do destino, o Estado do Rio Grande do Sul, encontra-se a permanência na Ilha das Flores no período de 12 a 18 de maio de 1912. Nessa oportunidade já sabiam o rumo a tomar. Outro dado apontado informa que a viagem do porto do Rio de Janeiro até Porto Alegre foi realizada em um navio a vapor de menor capacidade, quando confrontado com a nau que realizou a travessia do Oceano Atlântico, que levava o nome de Itajubá.

A família Pit, na ocasião da chegada ao sul do país, deslocaram-se para a região de Erechim, no norte do Estado do RS, distante 360 km da capital Porto Alegre (Pit, ca. 1960).

Adriano van den Broek, assim como Jacob Pit, novamente realizou a travessia do Oceano Atlântico à procura de uma vida mais digna para ele e sua família (van den Broek, 2021).

A família van den Broek deixou a Holanda no navio Frísia, no dia 5 de junho e chegando no Brasil no dia 24 de junho de 1912.

Adrianus Johannes Cornelis van den Broek ou “Adriano van den Broek” chega ao Brasil com 38 anos, não apresentando sua profissão, e sua esposa Plona Maria Kerseboom, com 37 anos, em companhia de 6 filhos. Da chegada ao Rio de Janeiro, permaneceram na Hospedaria da Ilha das Flores do dia 24 de junho até o dia 6 de julho de 1912.

Distintamente do rumo almejado por Jacob que carregou o pensamento de morar num lo-

cal onde conseguisse produzir a partir da terra, no caso se deslocando para Erechim, RS, Adriano sempre teve o propósito de morar em uma cidade mais urbana. Assim, se estabeleceu na própria cidade de Porto Alegre (van den Broek, 2021).

Começava o entrelaçamento junto a essa nova cultura.

No ano de 1918, já fixados no Brasil desde

abril de 1912, Jacob Pit e Hiltze Andries Eisma Pit receberam do consulado dos Países Baixos do Brasil, o Certificado de Matriculação (Figura 3), informando a sua profissão e estado civil, além de estarem residentes na região de Erechim no RS. O documento assim indicado pelo consulado, constituía a confirmação da imigração legal e um registro de identificação civil em solo brasileiro (PIT, ca. 1960).

Figura 3 - Certificado de Matriculação de Jacob e Hiltze Pit.



Fonte: Acervo documental da família Pit e Van den Broek

Considerações finais

O acesso a descendentes diretos dos imigrantes holandeses, bem como a documentos e fotografias, amplia as possibilidades de acesso à história, pelo fato de que as fontes orais obtidas por meio de depoimentos ou histórias de vida são acessíveis e, geralmente sob tutela dos próprios imigrantes, preocupados em reconstruir sua história, preservar elementos de sua cultura de origem e as memórias do grupo.

Compreender porque e como vieram os imigrantes holandeses, que vivências passaram a ter no novo contexto, como foram cons-

truindo sua nova história, as marcas que foram deixando através de suas experiências de vida na economia, na educação e na cultura, bem como seus legados no imaginário e na memória sobre o contexto vivido, são desafios para os que trabalham com a temática migratória.

As autobiografias escritas espontaneamente, em um dado momento da vida de um indivíduo que quis registrar sua experiência migratória ou de seus familiares são importantes como indicadores de trajetórias pessoais. Observa-se também que as narrativas contêm

elementos elucidativos da emigração e chamam a atenção para a manutenção dos laços familiares.

A investigação, a partir da história oral, das histórias e das memórias pessoais contadas por um descendente das famílias Pit e van den Broek que consideraram viver no Brasil, no início do século XX, sugeriu a possibilidade de estudar o fenômeno da imigração dos batavos, grupo que por muitas vezes é agrupado e abordado como parte da imigração germânica. Assim, a pesquisa sobre a imigração holandesa no Brasil, verificada a partir de 1908/1909, ocorreu devido a uma oportunidade única, possível e viável pela qual se propôs apresentar a reconstrução da biografia histórica, não apenas por materiais escritos, mas também por via de entrevistas com um neto dos imigrantes das famílias Pit e van den Broek.

As ponderações de Leonardo van den Broek garantiram a oportunidade de apresentar a partir de suas memórias, fatos específicos e esclarecedores daqueles momentos da imigração das famílias Pit e van den Broek, que são uma parcela da própria imigração holandesa para o sul do Brasil. Ainda, utilizando-se de um material previamente escrito, através de narrativas coletadas e bibliografias positivas e subsidiadas, sob o prisma do conceito do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, foi possível que a proposta se concretizasse. Elaborou-se, portanto, uma organização a partir de uma rede de informações com base em diversos pontos de pesquisa.

Assim, o presente trabalho, a partir da história oral e dos documentos apresentados, através de uma narrativa própria das versões familiares e até de um enaltecimento dos acontecimentos apresentados, não são postas em primeiro plano como verdades absolutas, exigindo do pesquisador o confronto com documentos, publicações históricas, fotografias, e outros indicadores que permitam comprovar

e dar substrato aos fatos narrados e apresentados.

A propaganda, assim como os benefícios oferecidos, foram eloquentes. A possibilidade de uma vida digna com terras, trabalho e ainda com favores iniciais que auxiliariam a adaptação, atraiu milhares de europeus para o Brasil, entre eles os holandeses, neste trabalho representados pelas famílias Pit e van den Broek.

Com o objetivo de elucidar o contexto europeu, especificamente os fundamentos que fizeram a família Pit e van den Broek mudarem para o Brasil, fez-se necessário apresentar preliminarmente, Jacob Pit, o incentivador das ideias naquelas famílias para realizar a imigração. Depois de nascer e viver em Steenwijkerwold, na perspectiva no sentido de oportunizar uma vida mais equilibrada e um estado social digno para sua família, Jacob Pit foi para Amsterdã, uma cidade urbana “com mais possibilidades”. Entretanto, o status social almejado não se apresentou como procurado.

Na capital holandesa, conheceu Adriano van den Broek, outro holandês que encontrava dificuldades para o sustento da família na turbulenta Amsterdã. Na expectativa de uma vida com mais oportunidades, juntos desenvolveram o pensamento de imigrar para o Brasil. Aquela Holanda não conseguiria suprir o sustento de todos que ocupavam as ruas sem trabalho, o que favorecia a fome e a miséria de forma ampla.

Evidente que na reconstrução dos fatos narrados no contexto das relações que levaram as famílias Pit e van den Broek a imigrar para o Brasil, outras ramificações históricas formadoras deste pensamento foram abordadas, com uma configuração holística, influenciadoras na convicção desses imigrantes.

Na explanação dos caminhos e desafios trilhados, as dificuldades aqui encontradas, bem como as memórias acerca das experiências durante a imigração holandesa no Rio Grande do

Sul, relatos do deslocamento efetuado de navio foram apresentados conjuntamente com os documentos e dados oficiais sobre a chegada e as primeiras impressões em solo brasileiro.

As informações apresentadas indicaram que tanto a família Pit quanto a família van den Broek realizaram o trajeto de mudança da Holanda para o Brasil, e que, em uma primeira experiência em solo brasileiro não lograram êxito.

Jacob e a família Pit foram destinados a uma fazenda no estado de Minas Gerais, onde ficaram alojados em uma antiga senzala pertencente a escravos que haviam trabalhado na região. Com o fim da escravidão ocorrido oficialmente a partir da lei Áurea de 13 de maio de 1888, muitos vestígios e reminiscências foram percebidas e vivenciadas. Relatos permitiram reconhecer e comprovar que a experiência foi dura e desumana e que aquela vivência afetou com tal intensidade a família Pit que, após aproximadamente dois anos no Brasil, resolveram e conseguiram regressar à Holanda.

Com relação ao retorno para Holanda, o mesmo aconteceu com a família van den Broek, no mesmo período. Numa primeira experiência, foram encaminhados para o interior do Rio Grande do Sul. Ao chegarem, não tinham onde morar, assim deveriam construir o seu lar. Não tinham o que comer, teriam que plantar e aguardar a colheita para melhor se alimentarem, entre outras situações adversas. Naquelas condições, qualquer alteração de saúde se tornava crítica e perturbadora. Pouco tempo depois, por motivos de doença e nenhuma concreta assistência governamental, também retornaram para Holanda.

No seu retorno, esperavam encontrar uma Europa, com mais condições para estabelecer e desenvolver uma vida digna. Entretanto, eram tempos difíceis e não apenas a sensação, mas a opressão servil continuava.

Como já haviam realizado uma primeira vivência, resolveram, segundo os relatos

apresentados, realizar uma nova investida de imigração. Assim, regressam ao Brasil, e agora foram encaminhados para um local previamente decidido por esses imigrantes. Progressivamente, com muito trabalho, foram se desenvolvendo.

Apoiados e subsidiados com a história oral a partir do neto remanescente das famílias Pit e van den Broek, Leonardo van den Broek, e com o material previamente narrado por um filho de Jacob Pit, Rodolfo Pit, e escrito por sua filha Plona Elizabeth Pit, assim como embasados em bibliografias voltadas ao tema de imigração, progrediu-se na pesquisa. Com isso, o trabalho apresentou as narrativas sociais, culturais e históricas relacionadas com as questões da imigração batava no Rio Grande do Sul no início do século XX.

Nesse sentido, a pesquisa apresentou e abordou parcialmente o tema proposto, visto que fatos apagados pelo tempo não permitem levantar memórias num todo. Renunciar a seu país, do seu lar, da língua materna, dos direitos basilares e constituintes de um cidadão, de uma habitual alimentação, da sua família de forma ampla, entre diversas outras características intrínsecas que acompanham uma pessoa na sua região e habitat são, no mínimo, passíveis de muita desilusão. Por outro lado, a aspiração e a esperança de uma vida de oportunidades em uma terra fértil e um clima ameno, somados ao auxílio governamental para colonizar até as primeiras colheitas, replicaram em fontes de apoio no favorecimento da façanha da imigração.

Enfim, a família Pit, assim como a família van den Broek são imigrantes holandeses em terras brasileiras no início do século XX. Pessoas que, com muita coragem e trabalho, colonizaram as terras e hoje fazem parte dos fundamentos dos seus descendentes que aqui vivem, assim como fazem parte da própria história do Brasil.

Com isso, conclui-se que a pesquisa a partir da história oral e bibliografias voltadas ao tema das migrações, ainda, fundamentada no paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, permitiu apresentar frações de uma imigração. Movimento que, como tantos outros precisam ser apontados e historicamente positivados, sob a construção das suas próprias identidades culturais, não sendo absorvidas por imigrações de maior magnitude, ou seja, devem ser lembradas na história como a Imigração Holandesa no Brasil.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 235p.
- ALVIM, Zuleika. **Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.215-288.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Sistema de Informação do Arquivo Nacional - SIAN**. 2022. Disponível em: <<https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/login.asp>>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- CORDEIRO, Sônia Valdete Aparecida Lima. A Constituição da Escola Evangélica de Carambeí: uma Instituição Educacional da Imigração Holandesa na Região dos Campos Gerais - PR. Campinas: **Revista HISTEDBR On-Line**, p.111-127, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/IFRS/Downloads/A_constituicao_da_Escola_Evangelica_de_Carambei_um.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136p.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Imigrantes: entre políticas, conflitos e preconceitos. **Cadernos CERU**, 21(2), 49-75, 2010.
- FADANELLI, Guilherme. Viagem dos imigrantes italianos para o Brasil podia durar até 40 dias. **RBS TV**. Caxias do Sul, RS, 22 mai. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/viagem-dos-imigrantes-italianos-para-o-brasil-podia-durar-ate-40-dias.html>>. Acesso em: 09 jan. 2022.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 680p.
- FAUSTO, Boris. **A Imigração: Cortes e Continuidades**. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 14-61.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 288p.
- HAAS, Hein de. **Migration Theory: quo Vadis?**. Oxford: Demig, 2014. IMI Working Papers. Series 2014, v. 100. Disponível em: <<https://www.migrationinstitute.org/publications/wp-100-14>>. Acesso em: 13/09/2022.
- PIT, Plona. [ca. 1960]. **Histórias que meu pai contava**. Manuscrito não publicado.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; Starling, Heloisa Murgel. **Brasil uma Biografia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 694p.
- SCHWARZ, Maicon Douglas. Todos são importantes... **Família Schwarz no Brasil**. 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.familiaschwarz.com.br/post/todos-s%C3%A3o-importantes>>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- SEVCENKO, Nicolau. **Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-48 e p. 513-620.
- SKIDMORE, Thomas Elliot. **Uma História do Brasil**. Tradução de Raul fiker. 4. ed. São Paulo: Editora paz e terra. 2003. 356p.
- VAN DEN BROEK, Leonardo. Depoimento. [out. 2021]. Entrevistador: Andrei Nasser Wichrestink. Osório, 2021. Arquivo .IOS (75 min.). Entrevista concedida para tese de doutorado sobre "A imigração holandesa no rio grande do sul no século xx: as famílias pit e van den broek".

VASCONCELLOS. F. de B. Accioli de. **Guia do Emigrante para o Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884. 68p.

Recebido em: 05/04/2024
Revisado em: 30/06/2025
Aprovado em: 23/07/2025
Publicado em: 30/07/2025

Andrei Nasser Wichrestink é mestre em Educação e doutorando em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale. E-mail: andrei.nasser@osorio.ifrs.edu.br

Cláudia Schemes é doutora em História e professora na Feevale. E-mail: ClaudiaS@feevale.br